

O processo de intermediação financeira, pelo qual os segmentos que dispõem de capital podem emprestar àqueles que precisam desse capital, desenvolve-se e diversifica-se à medida que a economia cresce, ao mesmo tempo em que, ao oferecer mais e mais capitais para os investimentos, contribui decisivamente para esse crescimento. Há, portanto, nas sociedades minimamente saudáveis, uma relação estreita entre o desenvolvimento do sistema financeiro e o crescimento econômico.

Por sua sofisticação e por suas dimensões, o sistema financeiro brasileiro poderia ser o melhor instrumento e a melhor garantia de uma economia em franca expansão, num clima de ampla liberdade de iniciativa. Paradoxalmente, no entanto, o mercado financeiro no Brasil é mais um fator de atraso da economia, na medida em que também foi transformado em instrumento da voracidade do Estado.

Na avaliação do **World Economic Forum**, instituição suíça que produz anualmente um documento respeitado em todo o mundo, com o título **World Competitiveness Report**, o Brasil vem perdendo posições para outros países em desenvolvimento na competição econômica. Isso porque, além de não oferecer ambiente saudável para a atividade produtiva (inflação, recessão, excesso de intervenção governamental), tem baixo grau de integração entre universidades e empresas, investe pouco em ensino e pesquisa, e suas empresas apresentam lucratividade muito baixa. Entre os pontos positivos do Brasil frente a outros países em desenvolvimento estão, segundo o **Forum**, o tamanho e a diversificação de sua economia, a oferta de infra-estrutura, o bom desempenho da agricultura e, supunha-se até há pouco, a existência de um sistema financeiro capaz de impulsionar o crescimento.

O **World Economic Forum** constata, no entanto, que o mercado financeiro brasileiro não favorece a competitividade. Trabalha com juros muito altos; não oferece créditos de longo prazo, essenciais para as empresas realizarem investimentos, no volume suficiente para atender às necessidades do País; e empréstimo muito pouco para o setor privado.

Esses problemas, conhecidos de todo empresário brasileiro, nada ou quase nada têm a ver com o sistema financeiro em si. Eles são apenas o reflexo da crise crônica do Estado brasileiro. Na origem dos juros altos está a inflação, cuja causa estrutural é o desequilíbrio financeiro do governo, que gasta mais do que arrecada. É um sistema de exploração que se desenvolve há décadas, sem nenhuma mudança significativa. Da última vez, o seu agravamento se deu pelos acidentes de percurso enfrentados pelo governo que acaba de cair, em tudo semelhantes aos que já foram enfrentados pelos que o precederam: sem conseguir superávits nas suas contas, ele foi obrigado a recorrer mais pesadamente do que de costume ao mercado financeiro nos últimos meses para poder devolver aos seus donos os cruzados bloqueados em março de 1990 e para comprar os dólares gerados pelo setor exportador, com os quais elevou expressivamente suas reservas. Nada, enfim, que já não tives-

se acontecido antes com ligeiras nuances de diferença, ou que não vá voltar a acontecer depois, a menos que o Brasil resolva quebrar esta perversa cadeia de exploração da Nação pelo Estado e passe a atacar as causas da doença e não os seus efeitos. No ponto a que chegamos, a situação se configura nos seguintes — e dramáticos — números: o setor público tornou-se o maior tomador de empréstimos no mercado financeiro (65% do total, restando para o financiamento do setor privado, que gera empregos e riquezas, apenas 35% dos recursos). A tradução, digamos, "social", desses números, é a seguinte: enquanto os empregados do Estado (funcionalismo mais estatais), em número de aproximadamente 8 milhões, consomem 40% da massa salarial distribuída mensalmente no País, aqueles entre os perto de 70 milhões de trabalhadores com carteira assinada do setor privado que conseguiram manter seus empregos chafurdam na miséria, dividindo os 60% de salários que sobram. Como o setor privado, que paga na forma de impostos esses salários do setor público e mais todos os "investimentos" que ele faz com o nível de desperdício e malversação de verbas que conhecemos, está exaurido por essa carga insuportável, ninguém, nem de um lado nem do outro, tem o suficiente e o País inteiro anda para trás.

É nesse ambiente mais que hostil que a iniciativa privada, sempre tão criticada por governantes que fracassam sistematicamente na luta que, na maioria dos casos, apenas fingem travar contra a inflação, tem conseguido sobreviver. Sem capital até mesmo para o giro de seus negócios, as empresas desfazem-se de partes cada vez maiores do seu patrimônio e vão reduzindo sistematicamente o número de empregos que oferecem para não encerrar de vez suas atividades.

O empresariado e os trabalhadores privados brasileiros têm sido heróicos ao conseguir, até agora, a sobrevivência de um capitalismo em que o capital, seiva essencial para a dinamização dos negócios, é absorvido, antes de mais nada, por um organismo parasitário de tremendo poder dilapidador: o Estado brasileiro e sua legião de apaniguados. Mas esse heroísmo não basta para garantir a sua sobrevivência por muito mais tempo. Agora mesmo, entalado em mais um dos gargalos a que o desperdício, o fisiologismo e a má administração de recursos o atira a intervalos de tempo cada vez mais curtos, o Estado se prepara para vir mais uma vez para cima das economias dos cidadãos e das empresas. A Nação inteira, a começar pelo próprio governo, sabe que de nada adiantará, e que toda a história se repetirá daqui há pouco. Só a alguns políticos, cujos esquemas políticos se beneficiam das distorções que impõem que o Estado brasileiro tenha a esperança de sair da falência um dia, interessa que se faça, de novo, apenas um remendo, para que tudo continue como está. Para isso, brandem uma Constituição que eles mesmos escreveram, dispondo as coisas desse modo. Mas, ainda assim, a Nação parece relutar em dizer não. O Brasil e seu povo continuarão andando para trás e sofrerão tanto mais quanto mais demoram para dizer esse não, de uma vez para sempre.